



EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR E TOMADA DE DECISÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO MÉDIO

Jessica Barbosa da Silva¹ • Danilo Pontual de Melo²

Eixo 2 – Educação Matemática e suas interfaces com outras áreas de conhecimento

Resumo: Esta oficina resulta do recorte e articulação de duas teses de doutorado que investigaram, respectivamente, (i) o ensino da Educação Financeira Escolar como temática transversal às áreas do conhecimento no Ensino Médio, com foco em documentos curriculares, livros didáticos e práticas docentes, e (ii) a relação entre conhecimento financeiro e a tomada de decisão financeira de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, considerando a influência de fatores psicológicos. A proposta enfatiza a importância de um ensino que trabalhe a Educação Financeira ultrapassando a visão utilitarista da Matemática Financeira, promovendo a reflexão crítica, social e econômica. A partir de atividades sugeridas, os participantes experimentarão estratégias didáticas que exploram tanto a análise de situações financeiras reais quanto os atalhos mentais que interferem nas decisões do dia a dia. Pretende-se, assim, contribuir para a formação de professores capazes de desenvolver, junto aos estudantes, competências para trabalhar uma Educação Financeira mais crítica e voltada para o contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Financeira Escolar. Tomada de Decisão. Ensino Médio. Estratégias Didáticas.

1 Introdução

A Educação Financeira ainda é um tema relativamente novo no contexto escolar. Na sociedade, diferentes agentes, como instituições financeiras, consultores e influenciadores digitais, tratam de questões relacionadas ao controle das finanças pessoais. No entanto, cabe refletir: essa deve ser a mesma perspectiva adotada pelos professores? Seria suficiente apenas reproduzir o que é difundido externamente, sem considerar o processo de ensino e aprendizagem? Defendemos que a resposta para ambas as perguntas é negativa. Assim, a presente oficina é fruto do recorte e da junção dos resultados de duas pesquisas de doutorado (SILVA, 2025), (MELO, 2024), cujos resultados dialogam diretamente entre si e buscam discutir e apresentar caminhos que permitam superar concepções mercadológicas da Educação Financeira no ambiente escolar.

A primeira investiga a relação entre o conhecimento financeiro e a tomada de decisão financeira de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, considerando não apenas os

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Doutorado • Recife, Pernambuco (PE), Brasil • jessica.bsilva@ufpe.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5412-3311>

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Doutorado • Recife, Pernambuco (PE), Brasil • danilo.pontual@ufpe.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1856-2357>





fatores psicológicos que influenciam as escolhas econômicas. A pesquisa, realizada com 129 estudantes, evidenciou que o nível de conhecimento financeiro dos estudantes é baixo a intermediário, sobretudo em temas mais complexos, e que heurísticas como a aversão à perda impactam fortemente suas decisões. Os resultados indicaram ainda que variáveis como renda e domínio de conceitos financeiros influenciam diretamente a tomada de decisão, reforçando a necessidade de uma abordagem escolar mais ampla e crítica da Educação Financeira, que contemple tanto conteúdos matemáticos quanto dimensões cognitivas e sociais do processo decisório.

A segunda discute o ensino da Educação Financeira no Ensino Médio a partir de uma perspectiva transversal às áreas do conhecimento, assumindo um caráter crítico que vai além de técnicas e conceitos da Matemática Financeira. O objetivo geral foi analisar essa abordagem transversal em documentos curriculares oficiais (currículo prescrito), livros didáticos (currículo apresentado) e planejamentos docentes (currículo moldado). Os resultados indicaram que, nos documentos curriculares, a Educação Financeira aparece de forma implícita, exigindo maior interpretação docente; nos livros didáticos, houve avanço qualitativo nas atividades de Matemática após a Base Nacional Comum Curricular; e, entre professores, prevalece uma visão utilitarista da Educação Financeira, centrada em finanças pessoais, com raras menções a uma perspectiva crítica. Concluiu-se que é necessário alinhar documentos, materiais e práticas por meio de políticas públicas de formação docente que possibilitem uma abordagem verdadeiramente transversal, contribuindo para a construção de uma consciência crítico-social dos estudantes também pela Educação Financeira Escolar.

A articulação entre estes dois estudos permite compreender a Educação Financeira não apenas como um conjunto de técnicas matemáticas aplicadas, mas como um processo complexo que envolve dimensões sociais, econômicas e psicológicas. A relevância desta integração reside na possibilidade de preparar estudantes para lidar com escolhas financeiras de forma crítica e informada, conectando a Educação Financeira com diversas áreas do conhecimento a partir de vivências concretas e promovendo uma aprendizagem significativa.

Assim, integrar a Educação Financeira às discussões sobre tomada de decisão permite potencializar o desenvolvimento de competências que favoreçam a formação integral dos estudantes. Nesse contexto, a oficina ganha relevância ao oferecer aos professores da educação básica e licenciandos um espaço de formação em que teoria e





prática se articulam de maneira concreta. Ao vivenciarem atividades que podem ser trabalhadas em diversos componentes curriculares e utilizam dilemas cognitivos presentes nas escolhas econômicas, os participantes têm a oportunidade de ampliar seu repertório didático e refletir sobre a própria prática pedagógica. Essa experiência contribui para que se sintam mais seguros e preparados para trabalhar a Educação Financeira Escolar de modo transversal e crítico, superando abordagens restritas ao ensino de técnicas matemáticas e aproximando a temática das vivências reais dos estudantes.

O objetivo geral da oficina é promover a reflexão e a experimentação de práticas pedagógicas que articulem Educação Financeira e de tomada de decisão financeira, a fim de subsidiar os participantes no desenvolvimento de estratégias críticas e interdisciplinares para o Ensino Médio. Especificamente, objetiva-se: 1) discutir o papel da Educação Financeira como tema transversal previsto nos documentos curriculares; 2) explorar como fatores psicológicos interferem na tomada de decisão financeira dos estudantes; 3) Apresentar estratégias didáticas que integrem conceitos matemáticos e não matemáticos, situações reais e reflexões críticas; 4) construir coletivamente propostas de atividades aplicáveis em sala de aula.

2 Educação Financeira Escolar e Tomada de Decisão Financeira

A Educação Financeira tem se consolidado como tema de investigação na Educação e na Educação Matemática, sobretudo pela necessidade de compreender como é abordada na escola e em quais aspectos precisam avançar. Pessoa (2016) defende que o ambiente escolar é espaço privilegiado para formar cidadãos capazes de analisar criticamente a complexa teia de relações da sociedade atual. Embora a OCDE (2005) defina EF como o processo de aprimoramento da compreensão sobre produtos e riscos financeiros, tal perspectiva tende a um viés mercadológico e individualista. Em contraposição, Silva e Powell (2013) propõem a Educação Financeira Escolar como um processo crítico e reflexivo que possibilita aos estudantes analisar e tomar decisões conscientes não apenas sobre suas vidas pessoais, mas também sobre a sociedade em que vivem.

Autores como Vaz e Nasser (2021) apontam que a Matemática Financeira, historicamente restrita a cálculos, deve ser ressignificada em uma perspectiva transdisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Lima e Sá (2010) alertam que livros





didáticos ainda privilegiam atividades mecânicas e pouco contextualizadas, dificultando a construção de uma postura crítica. Além disso, pesquisas como a de Piaia e Bernardi (2020) evidenciam a urgência de educar financeiramente crianças e jovens diante da influência do consumismo. Entretanto, Lima (2021) problematiza a predominância de uma Educação Financeira bancária e individualista, centrada na responsabilização do indivíduo por seu sucesso ou fracasso.

Nesse contexto, é fundamental pensar uma Educação Financeira Escolar voltada para a formação de uma consciência crítica e social, indo além da gestão de finanças pessoais. Muniz e Jurkiewicz (2013) destacam quatro agentes responsáveis pela difusão da Educação Financeira no Brasil: governo, instituições financeiras privadas, consultores e professores. Amplia-se esse último grupo para todos os docentes da Educação Básica, considerando que a Educação Financeira, enquanto tema contemporâneo transversal, deve ser responsabilidade coletiva.

Para Bovo (2004) e Pessoa e Muniz (2021), a temática é naturalmente multidisciplinar e precisa ser abordada por diferentes áreas do currículo. Santos (2023) reforça que a Educação Financeira Escolar deve promover reflexões sobre práticas de consumo e impactos éticos, sociais e ambientais das escolhas financeiras. Nessa direção, Vaz e Nasser (2021) definem três perspectivas complementares: Educação Financeira para o consumo, que problematiza relações entre consumo e consumismo; Educação Financeira para a poupança e o enriquecimento, que discute conceitos econômicos e previdenciários de forma contextualizada; e Educação Financeira para a consciência social, que evidencia os efeitos coletivos das decisões financeiras. Santos (2017), por sua vez, apresenta temáticas como atitudes de compra, influência da mídia, desejos versus necessidades, sustentabilidade e consumismo, todas pertinentes para o trabalho pedagógico em diferentes etapas.

Assim, a Educação Financeira Escolar deve ser compreendida como processo interdisciplinar e transversal, que integra aspectos matemáticos e não matemáticos, possibilitando aos estudantes refletir criticamente sobre consumo, finanças pessoais, impactos ambientais e desigualdades sociais. Tal abordagem só é possível com a atuação consciente dos professores, formação adequada e o reconhecimento de que as decisões financeiras ultrapassam o campo individual, estando profundamente ligadas às condições sociais, econômicas e políticas da sociedade.





Um outro olhar para esta discussão, está relacionado a tomada de decisão que perpassa as discussões sobre Educação Financeira. Lucena, Fernandes e Silva (2011) e Silva (2020), afirmam que fatores psicológicos dos seres humanos podem afetar as tomadas de decisões relacionadas às finanças, pois é comprovado, na prática, que o ser humano não age tão somente de forma racional, e que suas decisões ganham quase sempre um cunho psicológico, pois questões do tipo perda, ganhos, risco, retorno, fracasso, excesso de confiança, podem induzir suas escolhas.

Dessa forma, entende-se a necessidade de compreender, além dos aspectos financeiros, os aspectos psicológicos envolvidos nas tomadas de decisões financeiras. Embora muitas decisões financeiras demandem tempo de análise e ponderações de consequências, muitas outras são tomadas de formas mais intuitivas e rápidas. Ainda com uma análise mais profunda da situação é possível que as pessoas tomem decisões com base em fatores que não são apenas financeiros. Assim, propõe-se neste estudo também abordar a tomada de decisão financeira com base no uso de atalhos mentais. Atalhos mentais podem ser entendidos como estratégias cognitivas simples e rápidas que as pessoas usam para tomar decisões de forma eficiente, mas que podem, às vezes, levar a erros ou vieses (Kahneman, 2012).

De acordo com as discussões da área, Kahneman (2012) aponta que os atalhos mentais fazem parte de um processo mais ágil e intuitivo, denominado Sistema 1. Esse sistema funciona de maneira automática, exigindo pouco ou nenhum esforço consciente e sem percepção de controle voluntário. Paralelamente, o autor descreve o Sistema 2, responsável por direcionar atenção a atividades cognitivas que demandam maior tempo, esforço e controle, como os cálculos mais complexos. Ambos os sistemas representam diferentes formas de processamento cognitivo acionadas pelos indivíduos no momento da tomada de decisão.

Diante do exposto, a oficina proposta buscará articular as principais discussões teóricas sobre Educação Financeira Escolar e Tomada de decisão financeira, de modo a oferecer aos participantes não apenas fundamentos conceituais, mas também práticas pedagógicas que favoreçam sua implementação em sala de aula. A intenção é ampliar a compreensão dos professores acerca da temática, evidenciando tanto seus aspectos em diversas áreas do conhecimento, quanto os fatores psicológicos envolvidos, e, paralelamente, propor atividades que possibilitem a exploração crítica desse conteúdo junto aos estudantes. Dessa forma, além de apoiar a prática docente, a oficina pretende





fomentar novas reflexões e pesquisas na área, contribuindo para consolidar uma abordagem da Educação Financeira mais crítica e interdisciplinar.

3 Organização da Oficina

A proposta consiste em desenvolver um ambiente de discussão acerca da abordagem da Educação Financeira Escolar de maneira transversal a partir de situações de tomadas de decisão. O público-alvo consiste em professores da educação básica de qualquer área do conhecimento, licenciandos das diferentes licenciaturas e demais profissionais interessados em práticas pedagógicas relacionadas à temática em foco. É recomendável que os participantes tenham interesse em práticas pedagógicas interdisciplinares e disposição para trabalhar de forma colaborativa.

Em relação aos materiais necessários durante a realização da oficina, sugerimos que os estudantes estejam atentos aos seguintes materiais básicos: caderno ou bloco de anotações; caneta/lápis; calculadora simples (pode ser a do celular); smartphone com acesso à internet para a realização da atividade de sondagem inicial (mas na ausência a possibilidade do acesso à internet, não impossibilita a participação do cursista, uma vez que a socialização poderá também ser realizada de maneira oral, se for necessário). A oficina será organizada em cinco momentos, como descrito a seguir:

1º Momento - tempestade de ideias inicial a partir dos conhecimentos prévios dos participantes da oficina a respeito da Educação Financeira, sobretudo, na perspectiva escolar, por meio da utilização de aplicativo de interação online.

2º Momento - contextualização mediante momento de exposição dialogada sobre os resultados centrais das duas teses de doutorado (SILVA, 2025) (MELO, 2024) que estruturam a proposta da oficina.

3º Momento - dinâmica coletiva por meio da resolução e discussão de situações-problema de escolhas financeiras cotidianas, nas quais os vieses cognitivos influenciam as respostas dos participantes.

4º Momento - vivência prática de estratégias pedagógicas através da resolução de atividades de Educação Financeira Escolar articuladas à Matemática e outras áreas do conhecimento. Além da simulação de situações de decisão financeira (ex.: escolher entre produtos, investimentos ou formas de consumo), explorando atalhos mentais, por meio





da elaboração conjunta de propostas de situações-problema para sala de aula que envolvam o processo de tomada de decisão.

5º Momento - por fim, propõe-se a discussão em grupos sobre possibilidades de aplicação no Ensino Médio e a sistematização das principais estratégias didáticas discutidas durante as reflexões vivenciadas sobre a importância da EF crítica e interdisciplinar.

4 Algumas Considerações

Ao se constituir como recorte e junção de duas teses de doutorado, esta oficina propõe um espaço de diálogo entre os fundamentos curriculares da Educação Financeira Escolar e os aspectos psicológicos que permeiam a tomada de decisão. Essa articulação amplia as possibilidades de práticas pedagógicas, oferecendo subsídios para professores e licenciandos desenvolverem atividades críticas, reflexivas e aplicáveis no cotidiano dos estudantes.

Pretende-se que os participantes, ao vivenciarem estratégias práticas, possam construir caminhos próprios para implementar a Educação Financeira em sala de aula, contribuindo para a formação de jovens mais conscientes, autônomos e preparados para lidar com os desafios financeiros de sua realidade.

Referências

BOVO, M. Interdisciplinaridade e Transversalidade como Dimensões da Ação Pedagógica. *Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar*, n. 7, p. 1-11, 2004.

KAHNEMAN, D. *Rápido e Devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: RJ: Objetiva, 2012.

LIMA, A. A Educação Financeira no Antropoceno. *Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana (EM TEIA)*, vol. 12, p. 1-25, 2021.

LIMA, C; SÁ, I. Matemática Financeira no Ensino Fundamental. *Revista Eletrônica TECCEN*, v. 3, p. 34-43, 2010.

LUCENA, W. G. L; FERNANDES, M. S. A.; SILVA, J. D. G. A Contabilidade comportamental e os efeitos cognitivos no processo decisório: uma amostra com operadores da contabilidade. *Revista Universo Contábil*, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 41- 58,





jul./set. 2011. Disponível em:
<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/universocontabil/article/view/1696> Acesso em:
25 ago. 2019.

MELO, D. P. *A Educação Financeira Escolar proposta no Ensino Médio: um olhar para documentos curriculares, livros didáticos e professores, em uma perspectiva transversal às áreas do conhecimento*. 225f. Tese [Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica] – EDUMATEC, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

MUNIZ, I; JURKIEWICZ, S. *Educação Econômico-Financeira: uma nova perspectiva para o Ensino Médio*. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, Montevideo, 2013.

OCDE. *Improving financial literacy: Analysis of issues and policies*. OECD, 2005. Disponível em:
<https://www.oecd.org/finance/financialeducation/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm>. Acesso em: agosto de 2025.

PESSOA, C. Educação Financeira: O que tem sido produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? In: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAÚJO, F. (orgs.) *Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidades e possibilidades*. Teresina: EDUPI, 2016.

PESSOA, C; MUNIZ, I. Educação Financeira Escolar: construções, caminhos, pesquisas e potencialidades para o século XXI. *Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana (EM TEIA)*, v. 12, p. 1-18, 2021.

PIAIA, J. H. S.; BERNARDI, L. S. Educação Financeira na escola: falando de juventude, consumismo e projeto de vida. *Tangram – Revista de Educação Matemática*, Dourados, v. 3, p. 134-153, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.30612/tangram.v3i4.12615>>. Acesso em: agosto 2025.

SANTOS, L. *Educação Financeira em livros didáticos de Matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?* 205f. Dissertação (Mestrado em





Educação Matemática e Tecnológica) – EDUMATEC, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, L. *Como estudantes de 5º ano refletem sobre temáticas relacionadas à Educação Financeira Escolar? Um olhar na perspectiva dos atos dialógicos*. 207f. Tese (Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica) – EDUMATEC, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, J. B. *Heurísticas nas tomadas de decisões de estudantes do Ensino Médio frente a situações financeiras*. 2020. 108 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia Cognitiva]. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38730> Acesso em: agosto 2025.

SILVA, J.B. *Conhecimento Financeiro e Tomada de Decisão Financeira de Estudantes do 3º ano do Ensino Médio*. 2025. 138 f. Tese [Doutorado em Psicologia Cognitiva]. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Pernambuco, 2025.

SILVA, A; POWELL, A. Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. *In: 11º Encontro Nacional de Educação Matemática – ENEM. Anais [...]* Curitiba, 2013.

VAZ, R; NASSER, L. Que Educação Financeira Escolar é essa? *Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana (EM TEIA)*, v. 12, p. 1-16, 2021.

